



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Os percalços no desenvolvimento da civilização: reflexões sobre alguns conceitos de Norbert Elias

Alexander Maximilian Hilsenbeck Filho

Paulo Moraes Taffarello

Jair Romão da Motta Júnior

Mariana Garcia Granado Ferreira

Como citar: HILSENBECK FILHO, A. M. ; TAFARELLO, P. M. ; MOTTA JÚNIOR, J. R. ; FERREIRA, M. G. G. Os percalços no desenvolvimento da civilização: reflexões sobre alguns conceitos de Norbert Elias. *In:* CABRAL, F. (org). **Dez anos do grupo PET/Ciências Sociais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p91-105. DOI: <http://doi.org/10.36311/2003.85-86738-24-7.p91-105>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

OS PERCALÇOS NO DESENVOLVIMENTO DA CIVILIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE ALGUNS CONCEITOS DE NORBERT ELIAS

Alexander Maximilian HILSENBECK FILHO¹

Paulo Moraes TAFFARELLO¹

Jair Romão da MOTTA JÚNIOR¹

Mariana Garcia Granado FERREIRA¹

No grau de cultura em que ainda se acha o gênero humano, a guerra é um meio inevitável para estender a civilização [...]

Immanuel Kant

[...] mais ameaçada se torna a existência social do indivíduo que dá expressão a impulsos e emoções espontâneas, e maior a vantagem social daqueles capazes de moderar suas paixões.

Norbert Elias

INTRODUÇÃO

Norbert Elias nasceu em Breslau (Prússia), em 1897, e morreu em Amsterdã (Holanda), em 1º de agosto de 1990, com 93 anos. Sua principal obra, *O Processo Civilizador*, foi escrita em 1939, em pleno início da 2ª Guerra Mundial, momento em que o mundo passava por uma grande conturbação social e moral. Porém, apenas nos anos 70 ocorreu um reconhecimento mais amplo de suas obras.

Para esse sociólogo a condição humana é uma lenta e prolongada construção do próprio homem; dessa maneira, temos que articular cada elemento da cultura, mesmo o que nos parece estranho ou absurdo, para podermos entender o

¹ Bolsistas do Programa Especial de Treinamento (PET/SESU/MEC), desde 2001. Profa. Fátima Cabral orientadora do trabalho, tutora e docente do Departamento de Sociologia e Antropologia da FFC/M.

que os homens produzem e como eles vivem. Tal concepção - a sociedade é obra do homem -, elimina a idéia de uma natureza já dada, de uma condição humana oriunda do indivíduo, uma natureza imutável do homem, composta por um fim último. Devido a essa constante construção da história do eu pelo próprio homem, Norbert Elias toma a interdisciplinariedade como procedimento metodológico extremamente relevante ao estudo das humanidades, desferindo severas críticas à apreensão psicológica, sociológica, histórica, como especialidades isoladas, fechadas em si mesmo, impossibilitando, assim, uma abordagem interdisciplinar dos fenômenos. Todavia, o pensamento de Elias não se restringe somente a um seguimento das Ciências Humanas, ao contrário, é utilizado em diversos ramos do conhecimento humano, em geral.²

CIVILIZAÇÃO *VERSUS* CULTURA

Para muitos (tanto no pensamento do senso comum, como também no dos *ilustrados científicos*), ser civilizado é ter higiene pessoal, bons modos, usar a força só quando necessário etc., e, algo que não podemos esquecer, ser onde as pessoas não estejam, na sua vida cotidiana, tão à mercê das oscilações de paixões e sentimentos, e de reviravoltas súbitas da sorte.

Para discutirmos esse processo de civilização, que não ocorre de maneira linear e num único sentido, remeteremos o leitor a uma parte da obra onde Norbert

² O VI Simpósio Internacional Processo Civilizador *História, Educação e Cultura*, realizado de 12 a 14 de novembro de 2001 na Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis, deu mostras da possibilidade interdisciplinar do pensamento eliasiano, abordando desde temas relacionados a questões mais subjetivas como *Casamento por amor ou amor no casamento? Uma breve incursão pela história dos relacionamentos amorosos*, problemas hoje candentes, como *A extensão universitária no jogo da universidade pública*, até temas ligados ao esporte: *O nicho dos esportes radicais: um processo de civilização ou descivilização? Competição precoce em esportes e o pensamento eliasiano*, entre tantos outros.

Elias traça o que ele chama de sociogênese do conceito de civilização (“zivilization”) e o conceito de cultura (“Kultur”) (*Processo Civilizador vol. 1*). Civilização, antes de mais nada, não significa a mesma coisa para as diferentes nações do ocidente. Ingleses e franceses utilizam o termo para expressar o “orgulho pela importância de suas nações para o progresso do Ocidente e da humanidade” (ELIAS, 1994a, v.1. p.24). Já os alemães, empregam o conceito de civilização “compreendendo apenas a aparência externa de seres humanos, a superfície da existência humana” (ELIAS, 1994a, v.1, p.24). A palavra que representa o orgulho dos alemães em relação as suas realizações enquanto nação é *cultura*.

O conceito de civilização se refere à realizações e também ao comportamento das pessoas (ser civilizado requer uma série de práticas, de valores que indicam o grau de civilização do indivíduo) na sociedade, não se importando se realizaram ou não algo. Em *Sociedade de Corte*, Elias demonstra de maneira prática todo um conjunto de valores que regia o antigo regime. A partir da arquitetura das casas dos nobres, bem como de outros fatores, o autor analisa e desvenda toda teia de relações sociais características da sociedade de cortes.

Já no conceito de cultura o valor intrínseco à pessoa é secundário. O conceito estabelece relação com os produtos humanos na sua forma geral, “descrevendo o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa” (ibdem). No conceito de civilização estão implicados fatos políticos, econômicos, morais, sociais, religiosos, ao passo que o conceito de cultura diz respeito basicamente a fatos artísticos, intelectuais e religiosos.

Outra diferença apontada por Elias é a relação do conceito de civilização com processualidade, ou seja, algo que está sempre em movimento, em desenvolvimento, no sentido de “andar para frente”. O conceito de “Kultur” não trabalha com movimento linear; sua gênese remete a produtos

humanos (obras de arte, livros, sistemas religiosos e filosóficos) por meio dos quais a individualidade de um povo se expressa, ou seja, busca relações com o próprio conceito de identidade. O conceito alemão de cultura se preocupa, então, com as diferenças nacionais entre os povos e a identidade particular dos grupos - o que explica o fato do campo de conhecimento antropológico e etnológico ter se interessado tanto por esse conceito -, ao passo que o conceito de civilização minimiza essas diferenças nacionais e busca o que há de comum entre os povos e nações.

Essa diferenciação remete à própria história das nações aqui discutidas. Nos povos da Inglaterra e da França, as fronteiras e a identidade nacional foram estabelecidas a um tempo considerável, e já não se discute sua identidade nacional e o próprio conceito de nação, diferentemente da história alemã, que desenvolveu-se tardiamente como nação, por causa da unificação política demorada e da dificuldade de consolidação das fronteiras, que sempre marcavam fragilidade e ameaçavam dissolver-se da nação.

Sobre esse contexto, o conceito de civilização surge para dar embasamento às tendências expansionistas dos países colonizadores, o conceito de cultura forma-se em um campo adverso; reflete a existência de um povo que busca sua identidade, com um estreito vínculo nas diferenças.

As perguntas 'O que é realmente francês?', 'O que é realmente inglês?' há muito deixaram de ser assunto de discussão dos franceses e ingleses. 'O que é realmente alemão?' reclamou sempre resposta. Uma resposta a essa pergunta - uma entre várias outras - reside no aspecto peculiar do conceito de Kultur. (ELIAS, 1994a, v.1, p.25)

Com o tempo, o conceito de civilização e o conceito de cultura tornaram-se um emprego comum, lançaram raízes, foram utilizados repetidamente para expressar o que as pessoas experimentaram em comum, demonstrando que representam necessidades coletivas de expressão, com o intuito de se cristalizar e ressoar enquanto formação comum.

Assim, uma geração transmite seus conhecimentos a outra e assim por diante, até que em determinado momento não mais existirá a consciência de sua gênese e do processo como um todo. Assim, tais conceitos (civilização e cultura) sobrevivem apenas enquanto tiverem uma função concreta na existência da sociedade.

Depois dessa breve apresentação da construção histórica dos conceitos cultura e civilização, tentaremos mostrar como esses processos - de civilização e de cultura - se concretizaram e se difundiram pela maior parte do globo. O processo civilizador, ver-se-á, está intimamente relacionado com a formação dos Estados-Nação, mas quais os pressupostos para que se realize tal processo, e quais suas consequências para os indivíduos?

O PROCESSO CIVILIZADOR

De acordo com Elias, o processo civilizador acontece:

[...] em todos os casos em que, sob o efeito de pressões competitivas, a divisão de funções torna grande número de pessoas dependentes umas das outras, em todos os casos em que a monopolização da força física permite e impõe uma cooperação menos carregada de emoção, em todos os casos em que se estabelecem funções que exigem constante visão retrospectiva e prospectiva na interpretação das ações e intenções de outras pessoas. O que determina a natureza e grau desses surtos civilizadores é sempre a extensão das interdependências, o nível da divisão de funções e a estrutura interna das próprias funções. (ELIAS, 1994a, v. 2, p. 206-207)

Assim, o que leva as pessoas a se ligarem umas às outras, e assim lhes modelar a personalidade de uma maneira 'civilizada' é (além da monopolização da força física e tributária)³ a divisão social do trabalho e o crescimento de cadeias de interdependência, que direta ou indiretamente integram cada impulso, cada ação dos indivíduos. Conforme

³ Este assunto será tratado mais adiante.

Elias, o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção específica, sem ter sido, contudo, o resultado de um planejamento calculado a longo prazo, nem obra de um grupo específico de pessoas.

Mesmo tendo ocorrido sem um planejamento, isto não significa que não ocorreu um tipo específico de ordem, pois as metas e ações de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam com as de outras pessoas em uma progressão contínua, de uma geração à outra (havendo, assim, a necessidade de sincronização da conduta humana). Da interdependência de pessoas emerge uma ordem irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que compõem este tecido social. Desse modo, o tecido social pode ser entendido como o substrato a partir do qual o indivíduo irá desenvolver sua individualidade, porém, tal tecido também dita os limites do indivíduo, dando-lhe menor ou maior raio de ação.

A ordem que segue a civilização, segundo o autor, não é “racional” nem “irracional”, ela é colocada em movimento de uma forma cega e é mantida em movimento graças a dinâmica autônoma da rede de relacionamentos. Graças à combinação entre o processo civilizador e a dinâmica cega dos homens, pode-se tentar extrair da civilização alguma coisa mais “razoável”, que atenda melhor nossas necessidades e objetivos, pelo fato desta combinação levar gradualmente a um campo de ação mais vasto para a intervenção planejada nas estruturas social e individual, graças a um conhecimento cada vez maior da dinâmica não planejada dessas estruturas. Assim, para Elias, mesmo em uma fase de desordem é claramente perceptível uma certa estrutura e padrão no tecido social e em sua mudança histórica, exatamente por estes não serem caóticos.

O processo civilizador não segue, porém, de maneira crescente, pois ele tem seus altos e baixos, suas evoluções e

involuções, que podem ter suas causas na diminuição do monopólio da força física do Estado em decorrência, por exemplo, de transnacionalidades (globalização, mundialização), ou mesmo o próprio monopólio da violência estatal estar sendo utilizado de maneira incivilizada, dentre outros motivos. É quando ocorre uma fragilização da *armadura civilizatória*, porém, o período de descivilização não dura tanto tempo quanto o processo civilizatório. Assim, períodos de descivilização e de civilização vão sempre ocorrendo no decorrer do processo civilizador, mas no fim deve haver sempre uma frequência maior do período civilizatório.

O PROCESSO CIVILIZADOR INDIVIDUAL

O processo civilizador alcança tanto o âmbito individual quanto o social, isto é, seu raio de ação atinge tanto os indivíduos de uma forma isolada como toda a sociedade. Isso porque, para Elias, só pode existir indivíduo em sociedade e sociedade dos indivíduos, já que todo ensinamento e aprendizagem do indivíduo é realizado em sociedade e com o material apreendido de diversas gerações, pois o conhecimento humano em sua universalidade é passado de gerações a gerações como uma cadeia de elos. Do contrário, um homem completamente isolado do mundo ao seu redor e sem nenhum contato com os outros seres humanos, ou ainda com os progressos sociais desde sua infância, permaneceria apenas no seu estado natural. Ocorre, assim, tanto um processo civilizador social quanto um processo civilizador individual, em decorrência das próprias implicações que este processo provocará no interior e exterior do indivíduo, como se este se separasse em uma dupla vida, em um duplo ser: social e individual. E quanto mais alto for o grau de racionalidade, também se exigirão formas mais complexas de socialização.

Ao contrário do que ocorre nas sociedades *primitivas*, nas sociedades *civilizadas*, ou melhor, que estão em *processo*

civilizatório, é necessário uma modelação inteiramente diferente do mecanismo psicológico do indivíduo. Nesses espaços sociais, ocorre a monopolização da força física e tributária pelo Estado, havendo então a criação de espaços sociais pacificados e, conseqüentemente, uma redução do perigo de ataque físico, transformando desta maneira a perda de autocontrole individual no principal perigo enfrentado. Quanto mais complexo e intrincado o tecido social, também o aparato sociogênico de autocontrole individual se tornará mais diferenciado, complexo e estável, mantendo uma relação estreita com a monopolização da força física e a crescente estabilidade dos órgãos centrais da sociedade, porque somente com esta estreita relação é que o automatismo pode atingir um grau mais elevado e tornar-se uma *segunda natureza*.

Nessas sociedades, apesar dos espaços sociais pacificados, o medo⁴ e a violência não desaparecem, pois existem outras formas de violência que não as de natureza física, como por exemplo a violência econômica e a repressão dos impulsos emocionais do indivíduo. Ele recebe proteção física, mas realiza um autoflagelo do *eu*, dos seus sentidos e pulsões naturais e imediatas, sendo levado a um autocontrole e a uma submissão dos sentidos e paixões, que necessitam ser passadas pelo crivo da previdência. Dessa forma, o indivíduo é impulsionado a um abrandamento de suas paixões e sentimentos, e levado a controlar incessantemente seus impulsos emocionais momentâneos, tendo em vista os efeitos a longo prazo que seu comportamento possa acarretar.

⁴ O medo (externo ou interno), também tem o seu papel fundamental para a civilização, pois para Elias é de extrema importância para a sociedade poder canalizar as pulsões e emoções dos indivíduos, podendo assim ter um controle do comportamento destes, mesmo que não seja um medo natural. Pois a capacidade de sentir medo ou alegria é natural ao homem, mas o tipo de medo e suas estruturas são criadas pelo próprio homem (como todos os padrões de comportamento das sociedades e dos indivíduos, que são historicamente determinados), pela estrutura da sociedade criada por eles e pelo modo como eles se relacionam com outros homens.

O abrandamento das paixões e sentimentos ocorre desde criança, por vezes em decorrência da conduta e hábitos dos adultos, que acabam por induzir modelos de comportamento nas crianças (mesmo que inconscientemente), e também por instituições da própria civilização, instituições essas que acabam por exercer esse *aprendizado* de autocontrole, como por exemplo, quando na escola se é proibido de ir ao banheiro quando se sente vontade. Desse modo, segundo Elias, nas sociedades civilizadas, tem-se mais controle das paixões e vontades, e se é menos controlado por elas.

Entretanto, a monopolização da violência física nos espaços sociais pacificados geralmente não controla o indivíduo por ameaça direta; ela realiza nele uma pressão previsível, mas de variadas formas, e normalmente opera tendo por meio o autocontrole, que acaba por transformar a conduta do homem a uma regulação estável, desapaixonada e uniforme.

É importante ressaltar que todo processo civilizador individual acarreta traumas e uma série de distúrbios emocionais e comportamentais à pessoa, como o constante sentimento de tédio e solidão, tão característicos da sociedade moderna. Pois todos os impulsos e sentimentos apaixonados que não podem mais manifestar-se de uma forma direta nas relações entre as pessoas mudam de palco, transformando, desta vez, em campo de batalha o próprio indivíduo, provocando uma luta não menos violenta da pessoa consigo mesma. Essa luta nem sempre tem o seu desfecho com um novo equilíbrio entre satisfação e controle de emoções; geralmente a pessoa fica sujeita a grandes ou pequenas perturbações, às vezes irreversíveis. Outras vezes a força, a realização de uma parte de suas inclinações e impulsos, mas de uma forma modificada, através dos sonhos, das fantasias, dos jogos eletrônicos, como espectadora, etc., encontrando nesses possíveis substitutos para uma catarse a extrema erotização, a violência exacerbada, etc.

Extremos de um processo civilizador individual, bem sucedidos ou mal sucedidos, ocorrem em pouquíssimos casos; a maioria das pessoas civilizadas vive um meio termo, com um antagonismo dentro de si, o positivo e o negativo, o bem e o mal: uma parte proíbe e castiga o que a outra parte anseia.

Uma outra forma de controle das pulsões do indivíduo é o medo da perda de prestígio, o medo da vergonha⁵ aos olhos do grupo a que se pertence, ou a quem se atribuiu algum tipo de valor, garantindo as reproduções dos hábitos e das condutas características de determinada sociedade. Esse conflito que é expresso nos sentimentos de vergonha e medo é um choque do indivíduo com a opinião social prevalecente, e um conflito com uma parte de si mesmo, que se reconhece como *inferior*.

Para Norbert Elias, a racionalização e o avanço dos patamares da vergonha expressam uma diminuição do medo físico em relação a outras pessoas e demonstram uma consolidação do autocontrole. Porém, o homem não se torna um ser sem medos, pois os medos interiores crescem na mesma medida em que diminuem os medos exteriores; os medos de um determinado setor da personalidade assumem o lugar de outros, mudando, assim, realmente, apenas a proporção entre os medos, que têm a sua origem em fatores externos e internos ao indivíduo, e na estrutura que articula a ambos: “O temor de potências externas diminui, sem jamais desaparecer. As ansiedades jamais ausentes, latentes ou reais, provocadas pela tensão entre paixões e funções de controle das paixões, tornam-se relativamente mais fortes, gerais e contínuas” (ELIAS, 1994a,v.2, p.248). Porém, é de suma importância se constatar “[...] o fato de que hoje, como

⁵ Um outro autor que trata sobre o tema da vergonha, mas com um intuito de superação da mesma, é o escritor Roberto Freire, que em seu livro *Ame e dê vexame* propõe que a única maneira de não se rimar amor com dor nas sociedades burguesas, é permitir-se o extremo vexame.

antigamente, todas as formas de ansiedades internas no adulto estão vinculadas ao medo que a criança sentia de outras pessoas, de potências externas” (ELIAS, 1994a, v.2, p. 248). O medo ocupa um papel tão importante na constituição e manutenção da sociedade que Norbert Elias chega a afirmar que uma sociedade só pode sobreviver se houver um controle específico do comportamento dos indivíduos, e este só é possível através do medo (interno ou externo).

Elias entende que um código de maneiras rigoroso não é apenas um instrumento de prestígio, mas também de poder. Na expansão ocidental houve não só a necessidade de terras, mas de pessoas, como trabalhadores e consumidores. Dessa maneira, quando não foi mais possível governar as pessoas exclusivamente pela força, se tornou necessário governá-las parcialmente, por si próprias, mediante a modelação de seu superego.

CONTRASTES DE CLASSES NA SOCIEDADE

Ao longo dos processos civilizadores, segundo Norbert Elias, percebe-se uma tendência para se igualar padrões de vida e de conduta, de modo a nivelar os contrastes da sociedade.⁶ Isso se dá pelo fato de que a dependência recíproca de todos se tornou mais uniformemente equilibrada e qualquer atitude ocasionada todo, forçando as massas favorecidas a levarem em consideração as massas desfavorecidas na rede de interdependência interfere nas demais estruturas como um (que operam por compulsões predominantemente de natureza direta), que por sua vez assimilam o padrão de conduta dos estratos superiores (caracterizados pelo autocontrole). O fato da dependência geral e recíproca de todos se tornar mais uniformemente

⁶ O autor também enxerga nas relações ocidentais com outras partes do mundo os primórdios de uma redução de contrastes, que é característica do processo civilizador.

equilibrada seria, para o autor, um caráter especial do desenvolvimento ocidental.

Assim, uma das conseqüências diretas desta dependência recíproca é o fato de que nas sociedades ocidentais há uma redução dos contrastes entre os estratos mais altos e mais baixos, pois as características das classes mais baixas difundem-se por todas as outras (por exemplo, o trabalho é exercido nas sociedades burguesas por todos - ao menos teoricamente - e não somente por um segmento social, como a plebe), e os costumes peculiares às classes superiores também são difundidos na sociedade como um todo (em parte pela vontade dos estratos inferiores estarem se igualando aos estratos superiores), ocorrendo um certo amálgama no comportamento destes diferentes grupos sociais. Como exemplo dessa problemática, o próprio Elias, em seu livro *Sociedade de Cortes*, coloca o palácio de Versalhes, na época do antigo regime, como exemplo e símbolo de uma sociedade hierarquizada em suas mais diversas manifestações. Durante esse período todas as residências dos nobres franceses, símbolo da posição social de seu proprietário, eram pequenas imitações do próprio palácio de Versalhes, onde ocorriam todas as encenações e representações tão característica da nobreza.

Porém, este movimento de diminuição dos contrastes não segue uma linha reta, existindo contra movimentos e, conseqüentemente, recuos maiores ou menores, nos quais os contrastes tendem a aumentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que o processo civilizador leva a um polimento, a uma lapidação da natureza animal no ser humano, fato esse que segundo Elias, está intimamente relacionado com o Estado e o monopólio da força física e tributária, além das conseqüentes criações de espaços sociais

pacificados, forçando uma mudança sociogênica do indivíduo. Este passa a ter como uma das suas premissas uma distinção entre vida social e individual, sempre submetendo ao crivo da previdência suas paixões e sentimentos, mesmo que isso acarrete um trauma e uma duplicidade de vida à pessoa. No espaço público, haveria um certo papel representado, enquanto no espaço privado, que seria o lugar para a retirada desta 'máscara', ocorre a autocoação. Essa tensão, quando não equilibrada, provoca a desregulamentação do processo civilizador.

Daí que os colapsos da civilização (como os genocídios nazistas, stalinistas, etc.) são entendidos, pela ótica da sociologia de Elias, como momentos de descivilização, ou de retrocessos no processo civilizador, quando contatos mais rápidos, freqüentes e amplos entre diversos grupos, acabam por gerar diversos conflitos étnicos. Apesar disso, o autor constata que o crescimento dos meios de violência não estão proporcionalmente congruentes com o crescimento dos atos de violência, pois do contrário já teríamos exterminado praticamente o planeta inteiro, salvo, segundo especialistas, as baratas e similares.

Mesmo assim, nossa sociedade, segundo Elias, ainda não tem como fundamento o equilíbrio social, estando cheia de contradições e desproporções; a forma de superação destes conflitos, segundo o autor, já podem ser percebidas em um movimento bem definido, que pode ser apreendido através dos estudos do passado, para que esses iluminem nosso presente.

Esse movimento está encaminhando a humanidade para um novo lineamento do sistema mundial, que deve emergir da resolução das tensões entre Estados e continentes, pois hoje em dia as relações internacionais estão sendo impulsionadas para a formação de monopólios de força com uma nova ordem de magnitude:

Precusores dessas unidades hegemônicas, como Estados aliados, impérios e ligas de nações certamente já existem [...] E como os membros das unidades menores, cujas lutas lentamente geraram os Estados, nós, também, pouco mais temos que uma idéia vaga da estrutura, organização e instituições das unidades maiores para as quais tendem as ações, saibam-no ou não os atores. (ELIAS, 1994a, v. 2, p. 265)

Ocorre o mesmo nas lutas econômicas, pois temos uma tendência no sentido de:

[...] a propriedade desorganizada dos monopólios, ser reduzida e abolida, e uma mudança nas relações humanas, através da qual o controle das oportunidades cessa gradualmente de ser o privilégio hereditário e privado de uma classe alta tradicional e torna-se uma função sob o controle social e público. (ELIAS, 1994a, v. 2, p. 273)

Desta maneira, para Norbert Elias, a dinâmica da interdependência estaria impelindo os Estados para conflitos e guerras, e conseqüentes formações de monopólios de força física em áreas cada vez maiores da Terra. Caminhar-se-ia, assim, para uma única instituição política central e, conseqüentemente, para Elias, rumo à pacificação do planeta, pois se chegaria ao fim dos conflitos. Somente quando todas essas tensões que se encontram entre e dentro dos Estados chegarem a uma solução é que finalmente o homem poderá tornar-se mais civilizado, pois somente com a eliminação dos conflitos entre os homens é que os conflitos internos no próprio indivíduo poderão se amenizar, possibilitando assim o equilíbrio entre suas necessidades, impulsos e sentimentos, e as limitações impostas por uma vida em sociedade. Para Elias, só assim poderemos nos dizer *civilizados*, pois do contrário poderemos dizer *em andamento*” “[...]quando muito: o processo civilizador está (ELIAS, 1994a, V.2, p. 274).

REFERÊNCIAS

- ELIAS, N. *Os alemães*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a. v.1-2.
- _____. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.
- FREIRE, R. *Ame e dê vexame*. São Paulo: Sol e Chuva, 1999.
- WAIZBORT, L. (Org.) *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: EDUSP, 1999.